

Investigação Clínica

PD-085 - (UM19-5081) - DEPRESSÃO E ANSIEDADE NO PÓS-PARTO E EXPERIÊNCIA DE AMAMENTAÇÃO

Ana Sofia Silva¹; Inês Rosendo^{1,2}; Inês Figueiredo^{1,3}

1 - Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; 2 - USF Coimbra Centro; 3 - USF Lusitana

Introdução: A amamentação constitui uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do recém-nascido, contribuindo para o seu crescimento saudável e para a criação de um vínculo emocional entre a criança e a mãe. Parece haver uma relação entre a amamentação e a depressão pós-parto, no entanto, a causalidade entre estes dois fatores está ainda pouco estudada.

Objetivos: Pretende-se avaliar o impacto da ansiedade e da depressão durante a gravidez no tempo e experiência de amamentação em recém-mães e o impacto da intenção de amamentar na ansiedade e depressão perinatal, de forma a perceber melhor a possível causalidade entre estes fatores.

Materiais e Métodos: Realizou-se um estudo de coorte com 100 mulheres, no período pós-parto, residentes na região Centro de Portugal e seguidas em unidades de cuidados primários de saúde. Na consulta de seguimento dos 4 meses pós-parto, aplicou-se um questionário para obter dados sociodemográficos e experiência de amamentação. Aplicou-se a Escala de Depressão, Ansiedade e Stress (DASS-21), a Escala de Rastreamento de Depressão Pós-Parto (PDSS-21) e a Escala de Autoeficácia na Amamentação (versão reduzida Dennis 2003). Fez-se análise estatística descritiva e inferencial. Aplicou-se ainda um modelo de regressão para avaliar o impacto das variáveis estudadas na depressão-pós-parto.

Resultados: No universo das 100 participantes, a percentagem de mulheres em risco de depressão no pós-parto (PDSS >40) foi de 39%. Em relação à experiência de amamentação, 73% das mulheres afirmou ter amamentado no pós-parto e 56% ainda amamentava no momento do questionário. Os resultados obtidos sugerem uma tendência para haver menos risco de depressão nas mulheres que pretendiam amamentar mais tempo, neste caso mais de seis meses. Há igualmente uma tendência para um menor risco de depressão no pós-parto entre as mulheres que ainda amamentam. Concluiu-se, também, que famílias nucleares (risco relativo=0,119) parecem ser um fator protetor para a depressão pós-parto, assim como a intenção de amamentar em exclusividade durante 6 meses (risco relativo=0,099). Em contrapartida, ter um diagnóstico de depressão durante a gravidez aumenta em quase quatro vezes (risco relativo=3,920) o risco de depressão no pós-parto.

Discussão e Conclusão: Este trabalho apresenta como limitações o reduzido tamanho, mas também o método de avaliação em autorresposta e as diferentes formas de aplicação dos questionários. Torna-se necessária a realização de estudos futuros em amostras mais significativas, representativas da população, por forma a estudar melhor a relação entre a intenção de amamentar, e o seu tempo de exclusividade e não exclusividade, e a depressão no período pós-parto.

Palavras-Chave: “Depressão no pós-parto”, “Experiência de amamentação”, “Duração de amamentação”, “Depressão na gravidez”, “Intenção de amamentar”.